



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

CLAUDIANA DINIZ XAVIER

O PRAZER PELA LEITURA NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

**CAMPINA GRANDE – PB
2015**

CLAUDIANA DINIZ XAVIER

O PRAZER PELA LEITURA NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento aos requisitos necessários para a conclusão do curso de Licenciatura em Pedagogia.

Orientador: Prof^a. Ms. Livânia Beltrão Tavares

**Campina Grande – PB
2015**

- É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

X3p Xavier, Claudiana Diniz
O prazer pela leitura nas séries iniciais do ensino fundamental
[manuscrito] / Claudiana Diniz Xavier. - 2015.
35 p. : il. color.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2015.
"Orientação: Profa. Ma. Livânia Beltrão Tavares,
Departamento de Educação".

1. Leitura 2. Prática de Leitura 3. Ensino Fundamental 4.
Escrita I. Título.

21. ed. CDD 372.4



CLAUDIANA DINZ XAVIER

O PRAZER PELA LETURA NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento às exigências para obtenção do grau de graduada.

Aprovada em: 08/12/2015.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Ms. Livânia Beltrão Tavares (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Ms. Diana Sampaio Braga
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof.ª Dra. Marta Lúcia de Souza Celino
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

DEDICATÓRIA

Dedico ao Espírito Santo de Deus esta vitória. Porque até aqui me ajudou o senhor (I Samuel, 12).

A toda minha família em especial a minha mãe que sempre tinha palavras de amor e carinho para me falar, a minha filha MaryaCecillia que sempre me alegrou com seus sorrisos nos momentos difíceis de estudo e meu cunhado Waldemberg Freire que me ajudou nas pesquisas e digitação do trabalho.

E a mim mesma, pelo meu esforço, dedicação e renúncia.

Sou mais que vencedora em Cristo Jesus.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao espírito Santo, que me ajudou, a fortalecer nessa árdua caminhada, venci os obstáculos e consegui concluir este curso.

Aos meus pais, pelo amor, carinho e compreensão, durante o percurso do curso.

As minhas colegas de trabalho e curso: Eliane Barbosa, Ladyane Brandão, EdleuzaEmidio Gonçalves e Solange Martins da Silva, que compartilharam comigo alegrias e tristezas e que me ajudaram com os trabalhos durante o curso.

Aos meus queridos mestres (...) que ajudaram a vencer os meus limites me dando condições de obter novos conhecimentos tornando-me apto para por em prática o que aprendi no decorrer do curso. Assim posso me tornar um profissional de sucesso.

O ato da leitura é sempre acompanhado de emoções, sejam elas de curiosidade, alegria, ansiedade ou medo. Assim, as reflexões que hoje são feitas acerca da aprendizagem da leitura, vão além do “como ensinar a ler”, dedicando especial atenção “como ensinar a gostar de ler”. (BORGES, 1998, p.01)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO -----	10
A HISTÓRIA DA ESCRITA -----	11
LEITURA E ESCRITA COMO PRÁTICA SOCIAL -----	13
O ENSINO DA LEITURA NA ESCOLA -----	14
O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LEITURA E DA ESCRITA -----	15
ETAPA SILÁBICA -----	16
ETAPA ALFABÉTICA -----	17
O PROFESSOR NO PAPEL DE FORMADOR DE LEITORES -----	20
A RESSIGNIFICAÇÃO DA LEITURA PELA VIA DO LETRAMENTO -----	22
LETRAMENTO LEITURA E ESCRITA NA VIDA E NA ESCOLA -----	23
O PROFESSOR NO PAPEL DE FORMADOR DE LEITORES -----	24
PROCEDIMENTO DE COLETAS DE DADOS -----	25
RESULTADO E ANÁLISE DOS DADOS -----	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS -----	31
REFERÊNCIAS -----	34

O PRAZER PELA LEITURA NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Claudiana Diniz Xavier*

RESUMO

O acesso e o domínio da língua oral e escrita são fundamentais para a participação social efetiva, pois é por meio dele que o homem se comunica, tem acesso a informações, expresso e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões do mundo, produz conhecimentos. Alimentando a possibilidade de influenciar na construção de outras práticas que venham a desenvolver na criança desde cedo o prazer pela leitura e pela escrita. O objetivo neste trabalho é compreender as práticas de leitura utilizada com alunos em sala de aula da escola. Sendo assim a escola pode oferecer momentos disponibilizando vários gêneros textuais, que de forma prazerosa e descontraída sem cobranças, os alunos venham ter contato com os livros, despertando a curiosidade e ativando o seu imaginário, dando oportunidade para que tirem suas próprias conclusões do que é real e o que é imaginário. O trabalho serviu para uma análise da prática da leitura e da escrita, envolvendo os alunos no universo da comunicação. Promovendo momentos que estimulem o hábito da leitura dentro e fora da escola. A leitura facilita a compreensão dos conteúdos estabelecidos através dos livros e pelo professor, pois quanto maior for o conhecimento maior será a aprendizagem e o professor obterá êxito nas suas aulas. Para o desenvolvimento desse trabalho foi utilizado o estudo de caso, através de aplicação de questionário e observação. A turma observada foi o 1º ano do ensino fundamental I na E.M.E.F. Abel Barbosa de Souza na zona rural do município de Esperança - PB.

Os dados foram analisados qualitativamente a partir do referencial teórico. Os resultados alcançados na pesquisa permitiram-me fazer a constatação e análises a respeito do hábito de ler e escrever são processos permanentes que se inicia na escola, mas podem deixar de se desenvolver no espaço escolar mostrando também que é de fundamental importância a reflexão dos educadores sobre suas práticas para uma estimulação destas práticas nos alunos.

Palavras Chaves: Hábito, leitura, prática, escola.

* Aluna de Graduação em Pedagogia na Universidade Estadual da Paraíba – Campus I.
Email: dinizclaudiana23@gmail.com

INTRODUÇÃO

O domínio da leitura e da escrita é necessário para cada indivíduo que está inserido na sociedade letrada. Há muito tem sido identificada e discutida por pesquisadores e educadores. Neste cenário, o papel do ensino da leitura e da escrita destaca-se, já que é na escola que o contato com o sistema da escrita ocorre de forma sistematizada.

Borges, 1998, p 01 afirma que:

O ato da leitura é sempre acompanhado de emoções, sejam elas de curiosidade, alegria, ansiedade ou medo. Assim as reflexões que hoje são feitas acerca da aprendizagem da leitura vão além do “como ensinar a ler”, dedicando especial atenção “como ensinar a gostar de ler”.

A relevância da escrita como fator possibilitador do desenvolvimento cognitivo do indivíduo tem sido alvo de preocupação e de investigação cada vez mais frequente a questão da leitura e da escrita nas séries iniciais que é oferecida em nosso sistema público de ensino, que na contemporaneidade, pois cada vez mais exige dos sujeitos o domínio das habilidades de ler e escrever. Entendemos que a escola, é um ambiente propício a realização de leituras nas situações de valorização de textos literários a partir do diálogo, despertando na criança o prazer e as relações culturais, ou subjetivos, alinhados ao texto escrito. As atividades de leitura, entretanto, são realizadas na escola as vezes por imposição e de forma descontextualizadas sem sentido. A leitura atualmente é uma necessidade constante na vida de qualquer pessoa, através dela será possível haver uma melhor qualidade de vida social, sendo assim essas crianças irão ter destinos diferentes dos seus pais, que não fizeram parte de um mundo letrado. “a leitura tornou-se hoje, uma ferramenta indispensável à vida em sociedade” o sucesso escolar, profissional, a liberdade e a ascensão social, bem como a parte da capacidade de leitura (BORGES, 1998, p. 87). Se a leitura é capaz de proporcionar ao indivíduo todo esse aparato, segundo a concepção de Borges, devemos incentivar nossos alunos para que façam essas descobertas de forma prazerosa, não por obrigação ou imposição dos professores ou responsáveis. Esse entendimento também é partilhado por Cagliari (1999, p. 168, quando afirma que “leitura é ainda uma fonte de prazer, de conquista, de realizações, que serve de estímulo e motivação para que a criança goste da escola e estudar”. Com efeito, o meu objetivo direcionou-se para a compreensão da prática de leitura realizada com os alunos da E.M.E.F. Abel Barbosa de Souza em especial o 1º ano do ensino fundamental I localizada no sitio Riacho Fundo município de Esperança – PB. Para realização deste trabalho optei pelo estudo de caso. Para GIL (1991, p. 25), “caracteriza-se pelo estudo profundo e

exaustivo de um ou de poucos objetos, de maneira que permita o seu amplo e detalhado conhecimento”. Segundo Toung (1960, apud GIL, 1991) estudo de caso é um conjunto de dados que descreve uma frase ou a totalidade do processo social de uma unidade, uma pessoa, uma família, um profissional, uma instituição social, uma comunidade, uma escola ou uma nação. Utilizei questionário com questões objetivas e observações. A opção pelo questionário se deu pela possibilidade de poder suscitar posicionamentos escritos sobre uma temática que os sujeitos de estudo saberiam opinar. Assim, os sujeitos do nosso estudo foi 10% dos alunos do 1º ano do Ensino Fundamental I. Ao mesmo tempo fazer uma reflexão sobre os professores que fazem parte do PNAIC. Se e colocado em prática o que aprende no curso do qual faz parte e se surte efeitos. Para isso, busquei subsídios teóricos em autores que se preocupam com a situação problemática em que se encontra a prática de leitura e escrita nas escolas públicas a fim de confrontá-las com a prática pedagógica.

[...] com a escola pública, por ser nosso espaço preferencial de atuação profissional, na medida em que, além de ser um espaço onde as diferenças se encontram, as culturas se cruzam os excluídos podem ter a vivência da igualdade de acesso e de vivência de aprendizagem escolar. (TRINDADE E SANROS, 2002, P. 12).

A estrutura do artigo possui o seguinte formato:

No capítulo I trataremos da fundamentação teórica do tema em estudo, neste caso leitura e escrita nas séries iniciais, do ensino fundamental I. Através deste, os problemas, os objetivos da pesquisa ganharam sustentação de estudos já realizados, no sentido de melhor compreendê-los e até em alguns casos interpretados. No capítulo II foi feita uma caracterização da pesquisa, destacando o tipo de pesquisa, o universo da pesquisa e os procedimentos de coleta de dados. E depois no capítulo III, foi analisado e apresentado os resultados do nosso estudo, ou seja, o cotidiano da sala de aula no que diz respeito a prática da leitura e da escrita. E para apresentar minhas considerações finais sobre o estudo, no intuito de contribuir para que os alunos levem para casa a prática da leitura e escrita para sua vida social.

A HISTÓRIA DA ESCRITA

A importância do ato de aprender a ler e a escrever está fundamentada na ideia de que o homem se faz livre por meio do domínio da palavra. O uso da linguagem é tão importante que a linha do tempo divide a história antes e depois da escrita. Em Silva (2002, p.62) encontramos que:

Dadas às limitações de espaço e tempo decorrentes do uso exclusivo da linguagem oral, o homem criou outras formas de representação, a fim de assegurar maior acesso aos fenômenos da realidade, gerar e registrar produtos culturais e, assim, fazer História. Dentre outras, surgiu a linguagem escrita, que permite afetivos, econômicos históricos, artísticos, etc... dessa forma o mundo cultural passa a contar com mais um tipo de sistema sógnico (o escrito), que aumenta e facilita as responsabilidades de expressão e comunicação humana.

O homem pré-histórico já lia os sinais da natureza e os interpretava, assim como tentava reproduzir mensagens nas pedras e rochas. Isso deu origem aos primeiros pictogramas com intenções expressas de comunicar, embora esses desenhos não assegurassem uma mensagem precisa para seus semelhantes.

Houve então a representação das palavras por meio de desenhos, numa determinada ordem, isto é, havia um significado para cada um. Essa tentativa de representar o mundo foi utilizada por povos diferentes, em épocas diferentes. Ocorreu com os sumérios, chineses e egípcios – que chegaram a construir uma escrita com seiscentos pictogramas.

Ao poucos, os sinais desenhados foram perdendo a analogia com o objetivo que representavam e evoluíram para outras formas. Foi que os sumérios chegaram à escrita cuneiforme, totalmente convencional, em que o significante não se assemelha à coisa representada. (CÓCCO e HAILLER, 1995, p. 45).

Para Ferreiro (1989, p. 76), a escrita alfabética pode ter resultado de um tipo de fusão entre essas duas fontes gráficas primitivas: os desenhos representativos que evoluíram para pita gramas, depois a ideogramas e, mais tarde converteram-se em silabários.

Segundo Bloomfield (*apud* FERREIRO, 1989), a autêntica escrita apresenta duas diferenças importantes, se comparada à pintura: usa somente um reduzido número de formas convencionais e, o que é mais importante, relaciona estas formas com as formas linguísticas e não com objetos reais ou com ideias. Um símbolo representa uma forma linguística, no sentido de que as pessoas escrevem o símbolo em situações em que pronunciam a forma linguística, e respondem ao símbolo do mesmo modo com respondem ao escritor a forma linguística.

Para Ferreira (1989) é que chegamos à constatação que o desenvolvimento da escrita está muito mais próximo ao desenvolvimento espontâneo do desenho, da aritmética e de outros sistemas notacionais do que se pensava.

LEITURA E ESCRITA COMO PRÁTICA SOCIAL

A leitura e a escrita constituem uma prática social usada com diferentes funções. A leitura e a escrita estão presentes em nosso cotidiano de diferentes maneiras. Aprender a ler envolve conhecimento da língua escrita e conhecimento do mundo.

Educação como ato de conhecimento, por sua vez, corresponde à experiência com o conhecimento científico e com a cultura, tanto na construção cotidiana e os diferentes saberes populares, como produção historicamente acumulada pela sociedade. O processo de alfabetização é assim compreendido também como um ato de conhecimento, no qual “O aprendizado da leitura e da escrita não pode ser feito como algo paralelo ou quase paralelo à realidade concreta dos alfabetizandos...” (FREIRE, 1981, p.16).

A leitura e a escrita, apesar de ser uma prática de extrema importância para a formação do indivíduo, têm sido pouco exploradas em muitos ambientes escolares. Existem muitos casos de alunos que codificam textos com dificuldades porém não conseguem compreender aquilo que escreveram.

Qualquer situação de aprendizado com a qual a criança se defronte na escola tem sempre uma história prévia. Por exemplo, as crianças começam a estudar aritmética na escola, mas muito antes elas tiveram algumas experiências com quantidades. Tiveram que lidar com operações de divisão, adição, subtração e determinação de tamanho. Conseqüentemente, as crianças têm a sua própria aritmética pré-escolar (...). (VIGOSTSKI. 2007, p. 94).

A escola, portanto, é um espaço de convivência, desenvolvimento e aprendizagem, na e para a vida (FREIRE, 1979). Para Freire, A leitura da palavra deve ser inserida na compreensão da transformação do mundo, que provoca a leitura dele e deve remeter-nos, sempre, à leitura de novo do mundo (p. 15), ou seja, ao viabilizar a leitura da palavra o educador estaria ao mesmo tempo levando o educando a ler o mundo.

Os educadores comprometidos com a educação dos nossos educandos devem desenvolver uma prática voltada para a reflexão sobre a leitura e a escrita, a partir de atividades contextualizadas, que potencializem a aprendizagem seguindo os princípios do Sistema de Escrita Alfabética (SEA). Articulamos ao estudo de outros componentes curriculares, ajudando o aluno a relacionar-se com diversos tipos de textos, ler, escrever e compreender, melhorando seu conhecimento no mundo da leitura e da escrita. Segundo Kramer, “a educação, uma prática social inclui o conhecimento científico, a arte e a vida cotidiana.” (KRAMER, 2007, p.19).

O ENSINO DA LEITURA NA ESCOLA

Como afirma Simões (2000, p. 22), numa cultura ágrafa, essas preocupações não teria tanto sentido, mas nossas crianças, especialmente as oriundas de classes mais baixas, estão inseridas em uma sociedade letrada, que além das desigualdades em injustiças a que as submete, discrimina que é alfabetizado, considerando-o inferior. Portanto, apropria-se da linguagem escrita pode oferecer futuramente a essas crianças maiores possibilidades de inserção social e conquista de autonomia.

Pois a palavra liberta os homens de sua ignorância e o saber é algo precioso, que jamais pode ser tirado ou arrancado do seu interior.

Para Bamberg (1987, p. 92), o desenvolvimento de interesses e hábitos permanentes de leitura é um processo constante, que começa no lar e aperfeiçoa-se sistematicamente na escola e continua pela vida afora, através das influências da atmosfera cultural geral e dos esforços conscientes da educação e das escolas públicas.

A escola possui um papel importante no hábito de ler. Pois a prática da leitura é fundamental no desenvolvimento do ser humano.

Em todos os anos de escolarização, as crianças devem ser convidadas a ler, produzir e refletir sobre os textos que circulam em diferentes esferas sociais de interlocução, mas algumas podem ser consideradas prioritárias, como os gêneros da esfera literária, esfera acadêmica / escolar e esfera mediática, destinadas a discutir temas sociais, Lener (2002, p. 75) enfatiza a necessidade de trabalhar a leitura na escola de forma mais significativa, contemplando sua função numa sociedade injusta e discriminatória.

No entanto, o mero contato com os diferentes gêneros de textos não fará com que a criança se alfabetize espontaneamente. É necessário desenvolver ambos os aspectos concomitantemente. Segundo Soares (1998, p.47).

A leitura possui um caráter formativo e instrumental, isto é ela serve para nos aprimorarmos quanto pessoa e também nos ajuda em inúmeras atividades que realizamos em nossa vida social, acadêmica e profissional. É lastimável a falta de acessibilidade ao livro e a leitura a todas as classes é uma herança maldita que carregamos desde a sociedade burguesa que transformou a leitura em prática social. Mas em virtude da igualdade cria-se um espaço de escola democrática. A educação oferecida direciona-se a classe mais favorecida. O contexto social vigente prepara a criança burguesa para assumir funções de liderança e cargos importantes, enquanto a criança proletária para desempenhar seu papel de comandada assumindo cargos e funções inferiores, sendo negada sua capacidade de interpretar o código escrito e de usufruir da beleza das palavras essencial à dignidade humana em uma sociedade que privilegia a escritura de e se afasta da oralidade. Sabemos que o desenvolvimento econômico exige que todas saibam ler e o façam com facilidade. Na atualidade exige-se também que tem domínio das tecnologias no mundo virtual. A

automatização substitui o trabalho braçal e aumenta o nível de exigência em termos de capacidade de leitura.

É alarmante o número de crianças de baixa renda que não dominam a leitura e saem da escola sem estarem de fato alfabetizadas. Essas crianças chegam à idade adulta com dupla desvantagem: a de serem pobres e iletradas. Pensando em sanar esse mal de décadas que houve mudanças significativas na grande curricular no ensino das séries iniciais para serem concluídas em nove anos. Onde se não pode reter o aluno e reprovar nas três primeiras séries do fundamental I. Pois se acredita que se ele não conseguir se alfabetizar no 1º ano, conseguirá no segundo e se não conseguir no segundo no terceiro e infalível é uma exigência do sistema e cobrança do Governo Federal, que a criança se alfabetize até os oito anos de idade para isso ter eficácia foi criado o PNAIC – Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa.

Para capacitar os professores para incentivar a leitura na sala de aula, o programa abrange as séries do 1º, 2º e 3º ano. O programa capacita e dá um incentivo financeiro para os professores e oferece material didático, livros infantis e jogos para que o professor foque na leitura, o Sistema cobra e quer resultados imediatos.

O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LEITURA E DA ESCRITA

Para Ferreiro e Teberosky (1985), para alfabetização a criança precisa perceber que a escrita alfabética nota no papel são os sons das palavras que as faz e construindo segmentos sonoros menores que as sílabas. Os sujeitos passam por diferentes fases, que são as hipóteses de escrita, que eles têm fases pré-silábica, silábica e silábico-alfabéticas e alfabéticas.

A alfabetização é um processo interno, que acontece de formas diferentes em cada indivíduo dependendo da forma com que é estimulado por seu meio ambiente. É caracterizada por grandes dificuldades e conflitos a nível cognitivo, levando a criança a estar em constante coordenação de seu conhecimento adquirido, provocando assim mudanças internas e grandes avanços para se chegar ao pleno desenvolvimento da escrita e da leitura. É “uma aventura excitante, repleta de incertezas, com muitos momentos críticos, nos quais é difícil manter a ansiedade sob controle” (pág. 63). O processo da escrita se desenvolve por etapas

I – Etapas

A informação oferecida é absorvida, mas deixa-se de lado parte dessa informação que no momento não pode ser assimilada, e introduz-se um elemento interpretativo próprio. A

criança estabelece a sua própria lógica na construção da leitura e da escrita, e busca respostas de acordo com o que tem como sua verdade.

Cria a sua própria forma de ler e escrever, e vai assim conflito após conflito, dificuldade após dificuldade criando intrinsecamente as bases para a alfabetização nos modelos convencionais.

I – Modos de representação que precedem a representação alfabética da linguagem:

Etapa pré-alfabética

Modos de representação alheios a qualquer busca de correspondência entre a emissão de um som e a escrita. Toda criança parte do suposto que tudo o que está escrito representa o nome da figura que é mostrada, independentemente das letras e do som que representem. Pode-se associar as letras de nomes próprios ou de objetos como se a letra pertencesse àquela pessoa, mas sem a preocupação do som de X letra.

ETAPA SILÁBICA

Modo de representação silábico, com ou sem valor sonoro convencional. Aqui cabe salientar a tematização (sob a ótica de Piaget), pois se inicia um certo grau de tomada de consciência.

Etapas:

- 1) a sílaba é utilizada sem que o sujeito consiga tirar partido deste “saber como”;
- 2) a sílaba começa a atuar como indicador, mas impossível de ser coordenado com outros da mesma natureza (dadas duas sílabas em um nome, em vez de coordená-las na busca de um só nome, cada sílaba desencadeia uma exploração individual);
- 3) a sílaba se converte em uma parte não ordenada do nome;
- 4) a sílaba de um nome passa a ser ordenada. É considerada a relação das partes com o todo e a ordem serial.

A transição do “saber como”, ao “saber sobre” pode implicar uma série não especificada de passos ou níveis. O chegar a ser consciente de certos processos implica sempre uma reconstrução com grande esforço cognitivo.

Etapa silábico-alfabético

Modos de representação silábico-alfabéticos que precedem a escrita regida pelos princípios alfabéticos. Período de reorganização da hipótese da criança. Ela já sabe que precisa olhar todas as letras. Apresenta a conservação de um significado atribuído ao longo de mudanças contextuais. A criança construiu sozinha uma hipótese silábica e começa a

compreender a relação entre totalidade e as partes, além de estar chegando a compreender a relação entre as letras e os sons da fala.

ETAPA ALFABÉTICA

Depois de passar por vários conflitos, a criança chega à conclusão de que não se pode adivinhar o que está escrito, mas precisam-se reconhecer os fonemas e as letras. Apesar da escrita ainda não ter único sentido, acontecendo da direita pra esquerda, ou da esquerda pra direita, de baixo pra cima, ou de cima pra baixo, começa-se a escrever com princípios alfabéticos, sem resíduos silábicos, e usando as letras com seu valor fonético convencional.

A alfabetização inicial é considerada em função da relação entre o método utilizado e o estado de “maturidade” ou de “prontidão” da criança. Os dois pólos do processo de aprendizagem (quem ensina e quem aprende) têm sido caracterizados sem que se leve em conta o terceiro elemento da relação: a natureza do objeto de conhecimento envolvendo esta aprendizagem.

A escrita pode ser considerada como uma representação da linguagem ou como um código de transição gráfica das unidades sonoras. A invenção da escrita foi um processo histórico de construção de um sistema de representação, não um processo de codificação.

Assim, do mesmo modo que o alfabetizando apropriou-se do sistema de código alfabético como resultado da construção pessoal, irá apropriar-se dos conceitos sobre a sua estrutura e o sistema de comunicação. Em todos os momentos, é preciso considerar que não é a repetição que produz o conhecimento, mas, sim, o estabelecimento de múltiplas relações, o raciocínio lógico e o pensar sobre o que se faz. O aluno deve entender a função social da escrita e a importância da linguagem oral e sentir-se livre para se comunicar pela escrita e pela fala. Seu texto não existe para ser corrigido, mas para ser lido e entendido. A correção, que se fará necessária, será resultado da reflexão criança a partir de suas possibilidades cognitivas.

Nas palavras de Emília Ferreiro (Programa Roda Viva, TV Cultura, 1989):

O papel do professor é importantíssimo. Se quisermos alunos ativos na construção do conhecimento, o professor também tem que ser ativo. Fale menos e escute mais e trabalhe cognitivamente também com o que escuta e vê em seus alunos.

Em todos os níveis é preciso trabalhar o som das letras do alfabeto, o reconhecimento das formas das letras e a associação grafema-fonema, bem como semelhanças e diferenças entre os nomes próprios dos alunos. (RUSSO, 2012, p. 42).

A avaliação do alfabetizando deve ser compatível com a hipótese em que ele se encontra. Assim, na escrita de crianças pré-silábicas, o professor irá avaliar tudo o que se refere a letras: o número e a ordem, a quantidade, variedade e posição nas palavras, as iniciais e as finais. Deve estimular o reconhecimento e a comparação entre palavras significativas, incentivando a percepção de semelhança e diferenças, principalmente com o nome próprio do alfabetizado. (RUSSO 2012, p. 43).

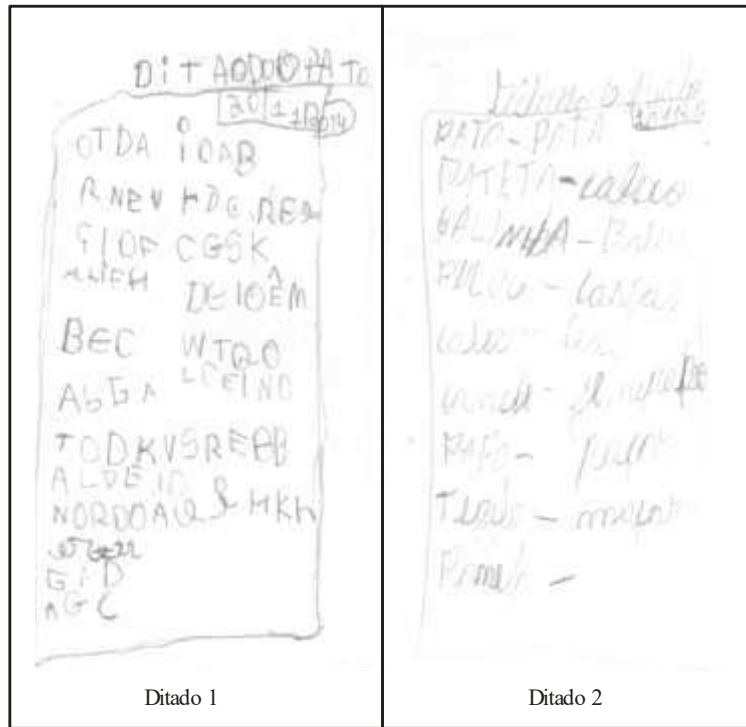
Se o aluno estiver na hipótese silábica, o professor, para a avaliação, fará uma análise das características das palavras no texto. Deve trabalhar com mais ênfase as letras e sílabas iniciais e finais das palavras. Pode incentivar comparações entre produções individuais e ditar palavras como MALA, MOLE, MULA, que podem resultar em ML, ou palavras como PATO, SAPO, CALO, que podem resultar em AO. Ao requerer a leitura dessas palavras, o professor coloca o aluno em conflito, uma vez que ele irá perceber que utilizou a mesma grafia para palavras diferentes.

Finalmente, se o alfabetizando estiver na hipótese alfabética, é preciso cuidado para não fazer correções ortográficas que não tenham sentido para ele. O professor deve trabalhar produções individuais e coletivas, em letras de músicas conhecidas pelos alunos ou em qualquer gênero textual que garanta seu efetivo envolvimento, e, gradativamente, fazê-los refletir sobre as regularidades e irregularidades da língua.

Os dados da turma a qual foi observada foram informados pela professora regente.



Crianças no nível de escrita pré-silábico (5 anos)

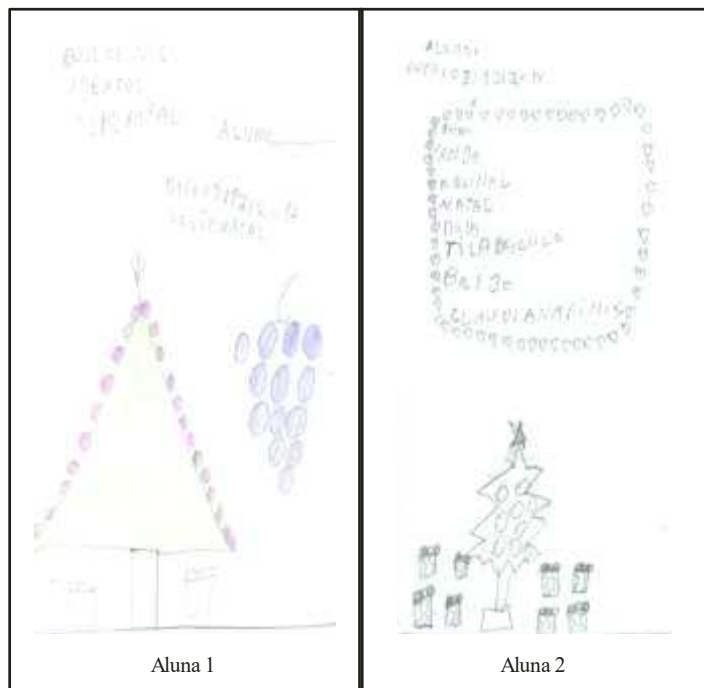


Ditado 1

Ditado 2

Ditado 1: Dudu (8 anos) supõe que para haver leitura é preciso haver diferença nas escritas. O aluno encontra-se no nível silábico (sem valor sonoro), com repetições de letras.

Ditado 2: Carlinho (8 anos), o aluno entende que escrever é reproduzir traços que identificam com a forma básica da escrita, o mesmo encontra-se no nível silábico-alfabético, necessitando aprimorar a sua ortografia.

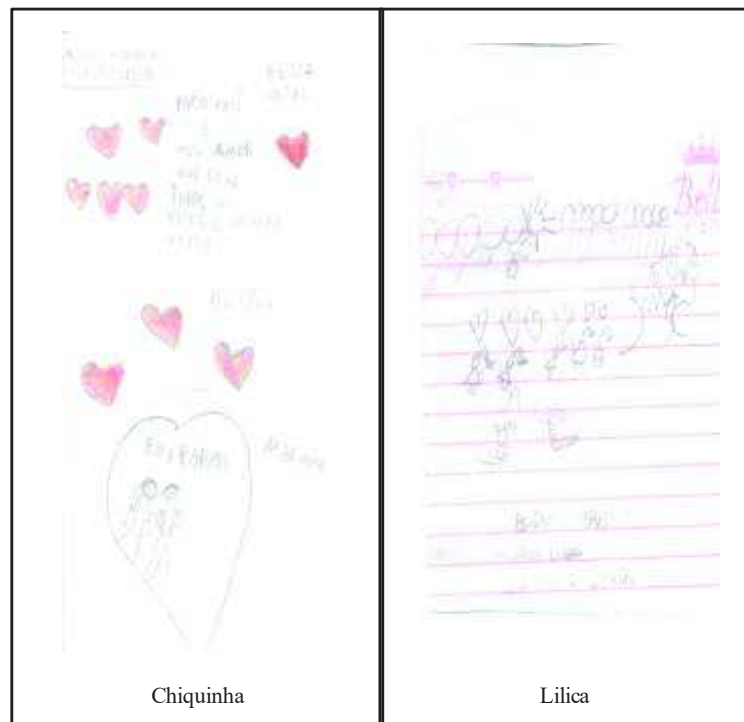


Aluna 1

Aluna 2

Aluna 1: (07 anos). Encontra-se no nível alfabético já conseguiu produzir um cartão natalino com desenhos e frase.

Aluna 2: (07 anos). Também se encontram no nível alfabético com maior superação no SEA produzindo o seu cartão natalino com maior número de palavras.



Chiquinha (7 anos): Encontra-se no nível alfabético, superou as hipóteses de construção do código alfabético e está evoluindo nas questões relacionadas à ortografia.

Lilica (7 anos): Encontra-se no nível alfabético, produz pequenos textos com clareza, apropriou-se do SEA.

Durante o período de observação foi possível identificar os níveis de escrita, da turma. Foi constatado que as crianças estão em processo de transição dos níveis de escrita silábico – alfabético para o alfabético.

O PROFESSOR NO PAPEL DE FORMADOR DE LEITORES

Aprender a ler e a escrever não são tarefas simples para as crianças, especialmente em sua vida familiar, se a escrita não estiver presente. Pois na maioria dos casos as famílias são iletradas e não incentivam a leitura, por não saber, e as crianças chegam no dia seguinte à escola com as atividades sem serem realizadas, dificultando a aprendizagem das crianças e o trabalho do professor. Pois os antecedentes sociais, dialetais e experiências individuais com a

linguagem são fatos marcantes, na vida dos sujeitos que fizeram parte deste estudo, por se tratar de uma comunidade rural, que não tiveram oportunidade de se alfabetizar quando criança ou jovem. A E.M.E.F. Abel Barbosa de Sousa dispõe de educação EJA (educação para jovens e adultos), mas é pouco procurado pelos pais dos alunos. A criança recebe na escola estímulo e incentivo, ao ter acesso a vários tipos de gêneros textuais que circulam na sociedade, mas na família não é dada a continuidade, porque a maioria dos pais são analfabetos.

Segundo Emília Ferreiro. A criança que cresce em um meio “letrado” está exposta á influência de uma série de interações. As crianças não precisam atingir certa idade nem precisam de professores para começar a aprender. A partir do nascimento já são construtoras de conhecimento. Levantam problemas difíceis e abstratos e tratam por si próprias de descobrir respostas para elas. Estão construindo objetos complexos de conhecimento. E o sistema de escrita é um deles.

É preciso que os professores da escolarização desenvolvam ao máximo o contato com a língua escrita e com a oral, de forma clara, para que as crianças ouçam e vejam as formas corretas da língua escrita, pois leitura e letramento caminham juntos. Segundo Soares (2001, p.17), letramento é o “resultado da ação de ensinar e aprender as práticas sociais da leitura e escrita; é o estado ou condição que adquire um grupo ou indivíduo como sequência de ter-se apropriado da escrita e de suas práticas sócias”.

É importante incentivar as crianças a escreverem espontaneamente desde o início do primeiro ciclo e que escrevam do seu jeito, sem se preocupar em ter que escrever de forma convencional, dessa maneira adquire confiança para se expressar e refletir sobre o (SEA). Sem medo de escrever errado, formulando ideias sobre como se escreve, isso as motivará a avançar. No momento inicial a criança, ao diferenciar desenhos de escrita, começa a produzir rabiscos, bolinhas e garatujas que ainda não são letras. O conhecimento prévio é muito importante para o seu desenvolvimento escrito. Pois “A leitura do mundo precede a leitura da palavra” (FREIRE, 1978, p.09).

Estas escritas espontâneas darão suporte ao professor para identificar quais princípios do (SEA) cada criança já assimilou e quais precisam ainda ser compreendidos, orientando seu trabalho didático pedagógico em função desse diagnóstico da turma.

O processo de alfabetização na perspectiva do letramento busca fazer com que o indivíduo, além de ler e escrever saiba utilizar de forma concreta a leitura e a escrita dentro de um contexto e práticas sociais. (SOARES, 2004).

Cabe ao professor ajudar seus alunos a descobrirem essas propriedades, criando atividades que oportunizem a reflexão sobre o SEA. Até que compreenda o sistema de escrita e seu funcionamento, os aprendizes passam por um processo evolutivo.

A RESSIGNIFICAÇÃO DA LEITURA PELA VIA DO LETRAMENTO

Da necessidade de re-significar o conceito de leitura e dissociá-lo do processo inicial de aquisição da escrita, começaram a ganhar espaço os estudos sobre a prática de letramento. Inicialmente, e paradoxalmente, confundido com sinônimo de alfabetização o letramento não só corresponde apenas a esta da escolarização como prescindir dela.

Kleiman (1995, p. 19) define como letramento “um conjunto de práticas sociais, que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos para objetivos específicos. Em textos posteriores a autora declara entender letramento” com práticas sociais de leitura e escrita e os eventos em que essas práticas são postas em ação, bem como as consequências delas sobre a sociedade.

Tfouni (1988, p. 16) foi uma das primeiras a não só utilizar, mas também a definir o termo letramento – conceitua letramento em confronto com a alfabetização. “Enquanto a alfabetização ocupa-se da aquisição da escrita por um indivíduo, ou grupo de indivíduos, o letramento focaliza os aspectos sócio históricos da aquisição de um sistema escrito por uma sociedade”.

Assim, para Tfouni (1995, p. 20) o letramento são as consequências sociais e históricas da introdução da escrita em uma sociedade, “as mudanças sociais e discursivas que ocorrem em uma sociedade quando se torna letrada”.

No Brasil, os estudos sobre o letramento encontram-se numa fase ao mesmo tempo, incipiente e extremamente vigorosa, apresentando-se hoje como uma discussão que melhor concretiza a união do interesse social, ou aplicado para a formulação de perguntas, onde as respostas possam vir promover uma mudança diante de uma realidade social da leitura e da escrita. “é o estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita e de suas práticas sociais” (p. 17).

De acordo com os PCNs (BRASIL, 2000). O letramento é:

Entendido como produto da participação em práticas sociais que usam a escrita como sistema simbólico e tecnologia. São práticas discursivas que precisam da escrita para formá-las significativas. Ainda que às vezes não envolvam as atividades específicas de ler ou escrever. (p. 23).

Assim, da virtude da complexidade sobre o conceito de letramento e, a esse respeito Kleimann (1995, p. 17-18), assim se posiciona:

Se um trabalho sobre letramento examina a capacidade de refletir sobre a própria linguagem de sujeitos alfabetizados versus sujeitos analfabetos (por exemplo, falar de palavras silaba e assim sucessivamente), então se segue que para esse pesquisador esse letrado significa ter desenvolvido e usar uma capacidade metalinguística em relação à própria linguagem.

Se por outro lado, um pesquisador investiga como adulto e criança de um grupo social, versus outro grupo social, falam sobre o livro, a fim de caracterizar essas práticas e, muitas vezes correlacioná-las com o sucesso da criança na escola, então, segue-se que para esse investigador o letramento significa uma prática discursiva de determinado grupo social que está relacionada ao papel da escrita tornar significativa essa interação oral, mas que não envolve necessariamente as atividades específica de ler ou de escrever.

Soares (2000), afirma que a dificuldade de conceituação do letramento fundamenta-se no fato de que ele é um fenômeno multifacetado e extremamente complexo, havendo variadas argumentações sobre o fato do consenso em torno de uma única definição ser impossível.

O conceito envolve sutileza e complexidade difíceis de serem contempladas em uma única definição. Basicamente, há duas dimensões do letramento: a individual e a social. Naquela o letramento é visto como um atributo pessoal, referindo-se a simples tecnologia mental de ler e escrever; nesta, ele é visto como fenômeno cultural, envolvendo as exigências sociais de uso da língua escrita. Na maioria das definições de letramento uma ou outra dessas dimensões é priorizada, porém identificar essas dimensões é apenas o primeiro passo para a formação do conceito. É preciso ainda considerar a complexidade e a natureza heterogenia de cada dimensão.

LETRAMENTO LEITURA E ESCRITA NA VIDA E NA ESCOLA

Os eventos de letramento ocorrem nos mais diversos espaços sociais nos quais realizam práticas discursivas letradas, que demandam qualquer nível de familiaridade com escrita, assim a escola é uma das agências de letramento, aquela a qual se atribui o papel de “introduzir formalmente os sujeitos no mundo da escrita” entretanto, Kleimann (1995, p. 20) destaca que a escola “preocupa-se, não com o letramento, prática social, mas com apenas um tipo de prática de letramento, a alfabetização, o processo de aquisição de código (alfabético, numérico), processo geralmente concebido em termos de uma competência individual necessária para o sucesso e promoção na escola”.

A pesquisa realizada por Luria (1988), no início da década de 30, nas regiões de uzbekistan e kirghizia na união soviética, demonstram que o letramento influi nas transformações socioeconômicas e culturais de um determinado grupo. Por exemplo, em sua pesquisa a autora desenvolve um trabalho com camponeses não alfabetizados que viviam

sobre um regime feudal, e também com jovens que sofreram influências da Revolução e que eram escolarizados.

No estudo foi estabelecido o seguinte critério: os dois grupos receberam uma mesma tarefa a ser resolvida, e esta foi realizada de acordo com grau de escolarização de cada um analisando os jovens alfabetizados, e ela pôde perceber que estes usavam critérios e categorias super ordenadas e genéricas, ao passo que os camponeses utilizavam métodos e práticas baseadas na experiência.

No decorrer dos estudos, observou-se que a partir do momento em que os indivíduos tomavam conhecimento da escrita, da comuna e se deparavam com instituições com a escola, passavam a utilizar os métodos de organização da cognição que antes não estavam definidas.

Portanto alfabetizar, distanciando as crianças do mundo letrado, isto é, dando ênfase a língua com um sistema, e não com um bem cultural, como linguagem social, é sonegar informações importantes as crianças, informações decisivas para a sua entrada no mundo letrado da ciência, da literatura, entre outras áreas de conhecimento.

No modelo ideológico, o pressuposto básico é o de que o contexto social é determinado nas práticas de letramento – aqui entendidas no plural, diferentemente do modelo autônomo que recebe apenas um tipo de letramento. Com base nos trabalhos de Street (Apud Soares, 1998), Kleimann (1995, p.39) esclarece que o modelo ideológico os resultados dos estudos desenvolvidos no modelo autônomo, mas destaca que “os correlatos cognitivos da aquisição da escrita na escola devem ser entendida em relação às estruturas culturais de poder que o contexto da aquisição na escola representa”.

O PROFESSOR NO PAPEL DE FORMADOR DE LEITORES

Para a realização do estudo optamos pelo estudo de caso etnográfico. Este só vai surgir recentemente na literatura educacional numa acepção bem clara a aplicação da abordagem etnográfica, no estudo de um caso. Para que seja reconhecida com um estudo de caso etnográfico é preciso, antes de tudo, que preencha os requisitos da etnografia e adicionalmente, que seja um sistema bem delimitado, isto é, uma unidade com limites bem definidos, tal como uma pessoa, um programa, uma instituição ou um grupo social, conforme Ludké (1995, p.31).

O estudo de caso enfatiza o conhecimento do particular. O interesse do pesquisador ao selecionar uma determinada unidade e compreendê-la como unidade. Isso não impede, no entanto, que esteja atento ao seu contexto e as suas inter-relações como um todo orgânico, e a sua dinâmica como um processo, uma unidade em ação.

Portanto, os resultados explicitados na investigação dizem respeito ao campo investigado, ou seja, na escola municipal de ensino fundamental, que se encontra na zona rural do município de Esperança – PB. Foi fundada em 1945, em Riacho Fundo. A escola funciona de 07h00min as 15h00min, com turnos de Educação Infantil e do Ensino Fundamental I. A escola conta com o Programa Social Mais Educação, que hoje se encontra com sessenta e quatro alunos matriculados na primeira fase do Ensino Fundamental I. O corpo docente é constituído de quatro professores, uma diretora, duas merendeiras e dois vigias.

A condição socioeconômica dos pais é bastante precária, com alto índice de famílias analfabetas e desempregadas, que sobrevivem de agricultura familiar, muitas vezes dividem o que colheram da safra com o dono da terra. Apenas 71,87 % recebem benefício do governo federal.

PROCEDIMENTO DE COLETAS DE DADOS

Para obter informações sobre o hábito de leitura e escrita, foi utilizado o procedimento de entrevista e observação.

O educador, quando desempenha a função de observador, como co-produtor que foi da pauta e do planejamento do professor, tem uma atuação vivamente reflexiva, porém silenciosa para com o grupo. Silenciosa, porque ele não está na função do professor do grupo. Ele é outro educador, com uma tarefa diferenciada, específica: observar a coordenação no seu ensinar, na sua interação com o grupo e seus participantes. (FREIRE, 2003, p. 13).

O questionário como um procedimento de coleta de dados, permeia, de acordo com Ludke e André (1986, p. 34), o caráter de interação entre pesquisador e sujeito, criando um ambiente recíproco entre quem pergunta e quem responde. Uma entrevista bem feita pode permitir o tratamento de assuntos de natureza estritamente pessoal e íntima, assim como temas de natureza complexa.

Dessa forma, os alunos foram questionados individualmente, com base em questões referentes aos hábitos de leitura e escrita. Pretendeu-se conhecer seus hábitos de leitura e escrita e de que modo eles são incentivados a está prática. O estudo foi realizado tendo como parâmetro a abordagem qualitativa. O primeiro passo dessa pesquisa foi detectar os hábitos e as atitudes de leitura e de escrita dos alunos mediante a aplicação de questionário onde 15,62% dos alunos das séries iniciais do Ensino Fundamenta I da Escola Abel Barbosa de Sousa, opinaram sobre o hábito da leitura e da escrita na escola e em casa.

Os dados da pesquisa foram coletados a partir do dia 10 de Maio à 10 de Junho de 2014, o estudo ocorreu na perspectiva de quantitativa admitindo a experiência subjetiva do investigador e dos participantes para a construção de uma leitura de acontecimentos que se passaram num determinado momento, dentro do contexto escolar. O contexto extra-escolar também foi contemplado, a partir da re-memorização dos sujeitos, sobre experiências de leitura e escrita no convívio familiar e social. Os dados colhidos foram analisados quantitativamente, partindo do referencial teórico.

RESULTADO E ANÁLISE DOS DADOS

Como já foram ressaltados, os dados foram coletados através de um questionário o qual, continha perguntas acerca dos hábitos de leitura e escrita dos sujeitos, e a participação da escola e dos pais no incentivo a estas práticas.

Após a análise feita neste estudo no 1º ano inicial do ensino fundamental I da escola, Abel Barbosa de Sousa, foi possível observar que se trata de uma turma heterogênea em relação aos níveis de escrita e homogênea na faixa etária. As atividades desenvolvidas pela professora A do 1º ano e os outros professores é leitura de vários gêneros literários, como jornais, revistas, rótulos de produtos, manuais de equipamentos, cartas, romances, convites, receitas, cordéis, contos de fada, fábulas entre outros. Sendo assim, a resposta da primeira pergunta neste estudo: (A leitura e a escrita são práticas em sua sala de aula?) 100 %, ou seja, os 64 alunos foram unânimes em afirmar que sim. Pois com a implantação do programa PNAIC, Pacto Nacional Pela Alfabetização Na Idade Certa, facilitou o acesso das crianças à leitura, através da distribuição de livros para professores que fazem parte do programa de capacitação de acordo com a série do ciclo de alfabetização 1º, 2º e 3º ano das séries iniciais. Toda sala dispõe de um cantinho de leitura para que todas as crianças tenham acesso aos livros, uma vez por semana, cada criança leva um livrinho para casa, através dessa prática a escola estimula e ajuda as crianças a se apropriarem da leitura e da escrita.

Questionadas se gostam de ler, todos responderam que sim, como demonstra o gráfico a seguir:

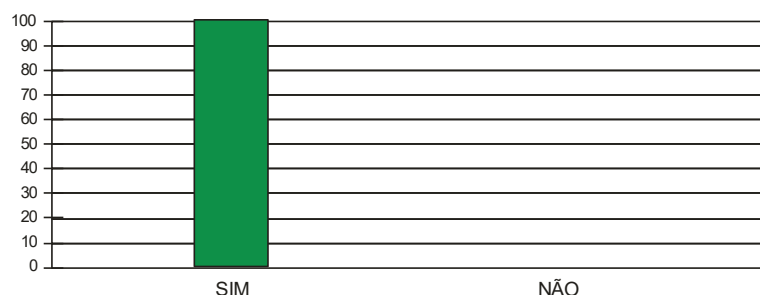


GRÁFICO 1: VOCÊ GOSTA DE LER?

Com o objetivo de saber o interesse pela leitura e escrita e quais objetivos destas práticas, obtivemos o seguinte percentual: 60 % afirmaram ler e escrever apenas por imposição da escola ou da família e 40 % busca estas práticas por diversão. Nesse questionamento observa-se que apesar de todos terem afirmado gostar de ler na pergunta anterior, está prática só é feita depois da imposição da escola. Ver gráfico 2.

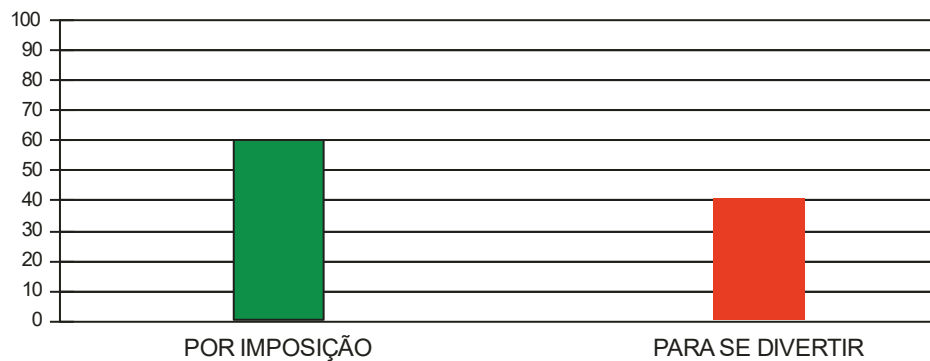


GRÁFICO 2: VOCÊ COSTUMA LER E ESCREVER SÓ QUANDO É?

Bamberg (1987, p.92) aponta que as condições necessárias ao desenvolvimento de hábitos positivos de leitura incluem oportunidades para ler de todas as formas possíveis. O livro de bolso, a formação da própria biblioteca, a biblioteca da sala de aula e da escola, a biblioteca pública. Para induzir a leitura são necessários vários métodos e medidas especiais: leitura individualizada na sala de aula, leitura e discussão em grupo.

Para Zilbermann (1986, p.25) a leitura é estimulada e exercida pelos professores de língua e literatura, que intervêm em todos os setores intelectuais de que dependem para sua difusão do livro, repercutindo principalmente na manifestação escrita e oral do estudante, isto é, na organização formal de seu raciocínio e expressão.

Os professores muitas vezes reclamam que não possuem o apoio dos pais, a escola incentiva à leitura em casa e as crianças não são estimuladas no âmbito familiar como deveria ou muitas vezes, os pais nem tomam conhecimento se os filhos estão lendo algum livro, porém os pais sabem que a obrigação de incentivar não é somente da escola.

Para Bamberg (1987, p.92) o desenvolvimento de interesses e hábitos permanentes de leitura é um processo constante, que começa no lar, aperfeiçoando-se sistematicamente na escola e continua pela vida afora, através das influências da atmosfera cultural geral e dos esforços conscientes da educação e das escolas públicas.

Indagados se a família costuma ler para eles, os alunos afirmaram que a prática não é frequente, pois a maioria dos pais é analfabeta, isto é, lê-se esporadicamente uma vez que a

cultura da transmissão de conhecimento ainda se dá através da oralidade, quando acontece, mesmo em um universo distante do “corre-corre” dos centros urbanos, o momento com a família perde espaço para televisão e outros entretenimentos, e ainda é possível apontar o analfabetismo dos pais que impedem a leitura de textos verbais. Vide gráfico 3.

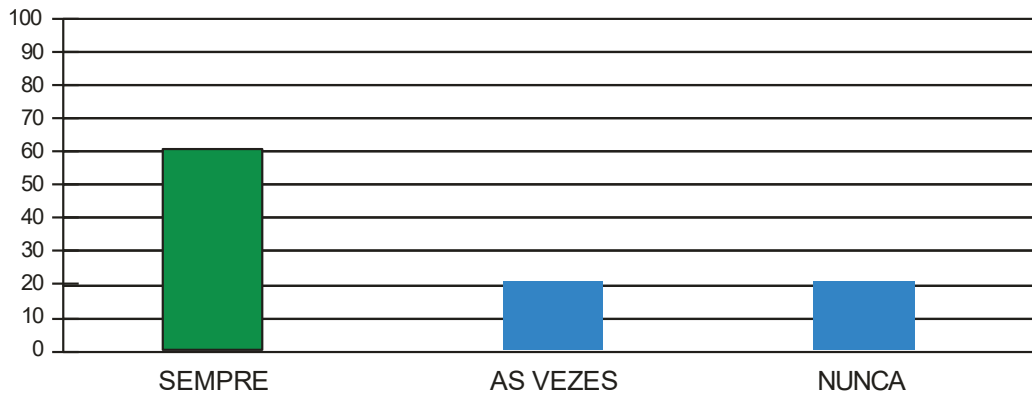


GRÁFICO 3: SUA FAMÍLIA COSTUMA LER PARA VOCÊ?

Na pergunta “A sua família costuma incentivar na prática de leitura e escrita, 60% respondeu que são incentivados sim, pelos pais, a ler e escrever. No entanto, alguns alunos consideram o incentivo dos pais como uma imposição e não como reconhecimento do mérito das atividades”. Compartilharemos do que Jolibert (1994, p. 130) afirma.

Nem todos os pais participam da mesma maneira na escola e no sucesso escolar de seus filhos, cabe a nós procurar entradas múltiplas que permitam que cada um encontre um lugar onde se sinta a vontade, envolvido, criativo, eficaz desde o pai analista de sistema até a mãe portuguesa.

Jolibert (Idem); ainda disserta afirmando:

Numa escola onde existe a participação dos pais no seu conselho, no comitê de redação do jornal, nos clubes, na biblioteca nos seus projetos ou na aula, nas construções e nas finanças, nos trabalhos e nas festas do lado dos professores e das crianças, cria-se uma dinâmica na qual evoluem as representações, os estatutos e os papéis de cada um dos participantes.

Quando se pergunta se eles costumam socializar o que leram, ou seja, se eles costumam comentar com outras pessoas o que eles identificam na leitura 60% responderam que sim, e 30% respondeu que não.

Ver gráfico 4:

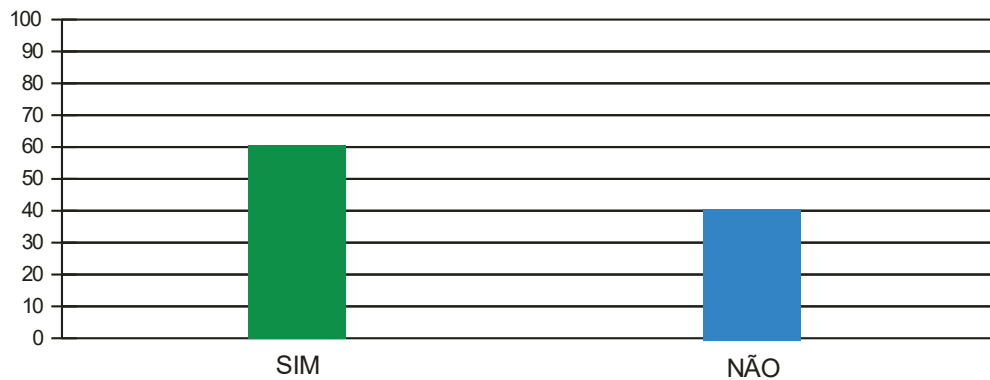


GRÁFICO 4: VOCÊ COSTUMA SOCIALIZAR O QUE LEU?

Para Caldim (2001), a função social da literatura é facilitar a compreensão do homem e sim, fornecer a emancipação do mesmo, libertando-o dos dogmas que a sociedade impõe. Isso é possível pela reflexão crítica e pelos questionamentos proporcionados pela leitura.

De acordo com Silva (1986, p.21) a leitura do texto literário “pode se constituir um fator de liberdade e transformação dos homens”. Em consequência, pode se dizer que tanto a leitura do texto maravilhoso quanto a leitura do texto realista cumprem o papel social de transformar a infância na medida em que a criança pensa criticamente.

Quanto aos materiais utilizados para ler, a resposta foi variada. Como mostra o gráfico 5, explicitando que 40% dos materiais utilizando desrespeito ao gênero literário, 30% a quadrinhos, 20% revistas e 10% a leitura de jornais, respectivamente.

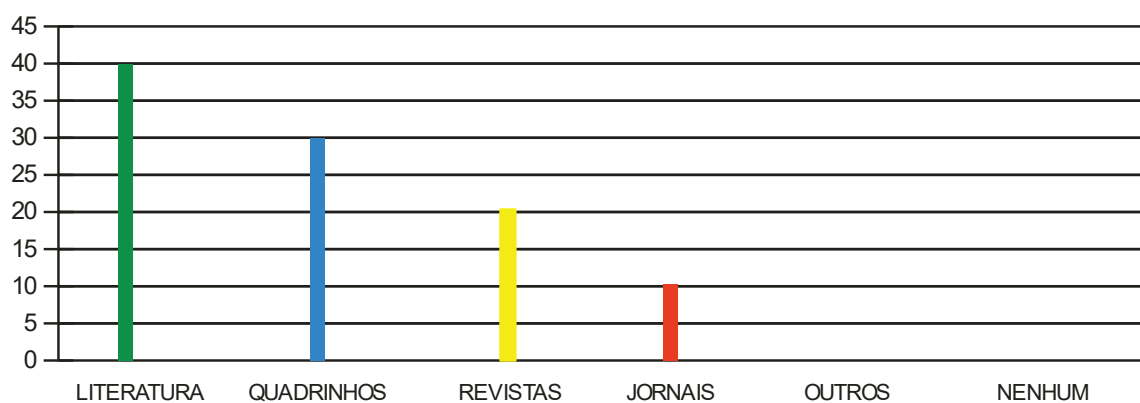


GRÁFICO 5: QUE TIPO DE TEXTOS VOCÊ COSTUMA LER?

As leituras relacionadas com as práticas do cotidiano, como vivências pessoais, experiências familiares, visitas a um bairro ou cidade, temas discutidos na escola abre espaço na sala de aula para que os alunos tragam a sua realidade, como mais um texto a ser lido e

significando junto às leituras propostas pela escola, e entender o processo educativo como um ato político (FREIRE, 1993, p. 18), que pode contribuir para formar não só leitores de textos escolares, mas cidadãos mais conscientes de seu papel na sociedade.

Nos trabalhos com gêneros específicos, de esfera jornalística como notícia, resenha e carta ao leitor podem destacar alguns aspectos: a leitura dos textos nos suportes reais nos quais eles circulam socialmente e a discussão das condições reais de produção dos textos, além de os alunos poderem se constituir como interlocutores concretos dos textos.

Para Jolibert (1994, p.20)

A vida cooperativa da sala de aula, e da escola, e a prioridade conferida à prática da elaboração e condução de projetos explicitamente definidos juntos permitem, de uma maneira exemplar, que a criança viva seus processos autônomos de aprendizado e se insira num grupo e num meio considerados como estrutura que estimula que exige que valoriza, que provoca contradições e conflitos e que cria responsabilidade.

Considerando que o prazer pela leitura só constrói através de um longo processo onde sujeitos desejam encontrar nela uma possibilidade de interlocução com o mundo, buscamos ser um agente na mediação entre alunos e material, um impulsionador e guia no sentido de um contato cada vez mais intenso e desafiador entre o leitor e a obra a ser lida.

As atividades de leitura estão sempre associadas a uma produção escrita, que é em parte do conteúdo almejado ou a avaliação/retorno da leitura. Essa constatação reforça o que diz Freire (1993, p.17) Os atos de ler e escrever são no fundo indicotomizáveis.

Durante o período de observação foi possível identificar os níveis de escrita, da turma. Foi constatado que as crianças estão em processo de transição dos níveis de escrita silábico – alfabético para o alfabético.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de aquisição da leitura e da escrita é uma atividade permanente da condição humana, uma habilidade a ser adquirida desde cedo e treinada em varias formas. Essas atividades de leitura devem ser iniciadas na educação infantil quando a criança começa a ter os primeiros contatos com a leitura que não se inicia na escola, mas é na escola que é dado continuidade de forma sistematizada, nas atividades trabalhadas ao fazer leitura de rótulos verbal ou não-verbal, ao ouvir historinhas contadas pelos adultos, ou ao assistir propagandas na TV. As rodas de conversa é o inicio, pois quando a professora conta, contos de fadas, fábulas, leva a criança a fazer uma viagem no mundo imaginário causando sensações e emoções, despertando o prazer e a curiosidade levando-o à gostar de lê, tornando-se um adulto leitor, pois a leitura passará a ser uma necessidade social em sua vida, já que na sociedade moderna grande parte das atividades intelectuais e profissionais giram em torno da língua escrita.

E para que as crianças se tornem efetivamente leitoras e autoras dos próprios textos, faz-se necessário em que algum momento do processo de alfabetização tenha não somente adquirido conhecimento específico do código alfabético, mas também e, sobretudo dos aspectos linguísticos discursivos em que ele se insere.

No decorrer da pesquisa foram analisados os pontos positivos e negativos nas práticas de leitura, desenvolvido por alunos e professores questionados na escola Abel Barbosa de Souza. Nas séries iniciais do ensino fundamental I. Merecendo destaque para formação continuada (PNAIC) para os professores do ciclo de alfabetização. Ficou evidente que ela contribui bastante para o melhoramento da prática de leitura em sala de aula, ao ser distribuído livros para formar os cantinhos da leitura nas classes dos ciclos de alfabetização, incentivou bastante o hábito de lê, pois o acervo disponibilizado pelo (MEC) de livros diversificados causou interesse para aprender a ler e escrever, 80% da turma alvo de estudo foi alfabetizada na idade certa. Mas não pode passar despercebida a ausência desta prática, pelos pais, o qual foi constatado que raramente os pais leem para os seus filhos, esse fato dificulta um pouco o processo de aprendizagem.

A faixa etária dos alunos e a frequência de alunos especiais nas salas regulares causa um certa limitação na prática de leitura desenvolvida em sala pelo professor que as vezes não sabe lher dá com essas diversidades pois lhes falta capacitação. A falta de atenção dos alunos também atrapalham a aprendizagem. É notório que a escola alvo de estudo não possui

biblioteca ou sala de leitura para que as crianças tenham acesso a um acervo de livros mais diversificado o qual despertem a curiosidade e o prazer pela leitura.

Ao concluir este trabalho abriu-se espaço para uma reflexão da prática pedagógica de leitura para as séries iniciais com a seguinte sugestão: iniciar um sarau literário bimestral, envolvendo toda comunidade escolar com produções de cordéis, paródias, contos e re-contos de historias num ambiente descontraído e prazeroso e que passe a fazer parte do projeto político pedagógico da escola, para que haja uma maior integração escola / família / comunidade. Pois aprender a ler e escrever é um processo continuo que se inicia na família e continua na escola.

Enfim considero que os resultados presentes neste trabalho poderão se voltar para futuras reflexões, levando em consideração que disponibilizar acervo de livros é tão importante quanto viabilizar práticas de formação continuada que possibilitem aos professores vivenciarem experiências diferenciadas de leitura e escrita, e reflexão sobre o desenvolvimento de um trabalho de alfabetização na perspectiva do letramento. Para tanto, “a leitura deveria ser a maior herança legada pela escola aos alunos, pois ela será a fonte de educação, com ou sem escola”. (CAGLIARI, 1999, p. 173).

The READING FOR PLEASURE IN SERIES START OF BASIC EDUCATION

ABSTRACT

Access to and mastery of oral and written language are key to effective social participation, because it is through him that man communicates, has access to information, expression and defends views, sharing or build worldviews, produces knowledge . Feeding the possibility of influencing the construction of other practices that may develop in children from an early age the joy of reading and writing. The objective of this work is to find theoretical support in authors who are concerned about the problematic situation and disability in the practice of reading and writing lies in public schools in order to confront them with the pedagogical practices. Therefore the school can offer moments providing various genres, which in a pleasant and relaxed manner without charges, students come into contact with books, arousing the curiosity and activating their imagination, giving opportunity to draw their own conclusions of what is real and what is imaginary. The work served for a reading practice of analysis and writing, involving students in the communication universe. Promoting moments that encourage the habit of reading in and out of school. Reading facilitates understanding established content through books and the teacher, because the higher the better understanding will be learning and the teacher will succeed in their classes. For the development of this study was the case study used by application questionnaire and observation. The class observed was the 1st year of elementary school in EMEF Abel Barbosa de Souza in the rural municipality of Hope - PB.

Data were analyzed qualitatively from the theoretical framework. The results achieved in the research allowed me to make a statement and analysis about the habit of reading and writing are permanent process that begins at school but may fail to develop at school also showing that it is fundamentally important reflection of educators about their practices for stimulation of these practices on students

Key Words: Habit, reading, practice, school.

REFERÊNCIAS

BAMBERG, Richard. **Como incentivar o Hábito da leitura**. São Paulo: Ática, 1987.

BORGES, T. M. M. **A CRIANÇA EM IDADE PRÉ ESCOLAR - DESENVOLVIMENTO E EDUCAÇÃO** Editora Vitória, Uberaba-MG. 1998.

BRASIL, MEC / Secretária de Ensino Fundamental. **Parâmetro Curriculares Nacionais Língua Portuguesa**. 3 ed. Brasília, 2000.

CÓCCO, Maria Fernandes e HAILLER, Antônio. ALP. **Alfabetização. Análise, linguagem e pensamento: Um trabalho de linguagem numa proposta socioconstrutivista**. São Paulo: FTD, 1995.

FERREIRO, Emília e TEBEROSKY, ANA. **A Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas 1985.

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização**. São Paulo: Cortez, 1988.

FERREIRO, Emília. **Com todas as letras**. 4ª Ed. São Paulo: Cortez, 1992 &A

FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 24 ed. São Paulo: Cortez 1993.

FREIRE, P. **A alfabetização de adultos: é ela um que fazer neutro?**. Educação e Sociedade, vol1, nº 1, 64-70. 1978.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade: 17. Ed.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, P. **Ação Cultural para a Liberdade e outros escritos**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981.

FREIRE, Paulo. **Ação Cultural para liberdade, 5ª Ed.**, Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1981.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler: São Paulo: Cortez 1998.**

FREIRE, Paulo & BETTO, Frei. **Essa Escola Chamada Vida: depoimentos ao repórter Ricardo Kotscho**. São Paulo: Editora Ática, 2001.

JOLIBERTO, D. Trad. Bruno C. Magne. **Formando crianças leitoras**. Porto Alegre: Artes médicas, 1994.

KRAMER, Sônia. **A infância e sua singularidade**. IN: BEAUCHAMP, Janete, PAGEL, Sandra Denise e NASCIMENTO, Aricélia Ribeiro (orgs) **Ensino Fundamental de nove anos: orientações para inclusão da criança de seis anos de idade**. Brasília; Ministério da Educação. Secretária de Educação Básica, 2007.

LEAL, Telma Ferraz e Pinto. Ana Lucia Guedes. **Tanto de partida**: currículo no ciclo de alfabetização. Brasília: Ministério da Educação. Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa, Unidade 1/ano 3. 2013.

LENER, DÉLIO. **Ler e escrever na escola**: o real, o possível e o necessário. Porto Alegre: Artmed, 2002.

LURIA, A. R... **O desenvolvimento da escrita na criança**. Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. 4 ed. São Paulo. Ícone, 1988.

RUSSO, M. F. **RODA VIVA**. Programa TV Cultura 1989.

RUSSO, M. F. **Alfabetização**: um processo em construção. 6 ed. São Paulo: Saraiva, 2012.

SILVA, E. T. da. **O ato de ler**. Fundamentos Psicológicos para uma Nova Pedagogia da Leitura, 9ed, São Paulo: Cortez; 2002.

SIMÕES, V.L.B. **Histórias infantis e aquisição de leitura**. São Paulo: Perspectiva. V.14 nº1 jan/mar. 200.

SOARES, M. **LETRAMENTO**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte. Autentica 1998.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte, Autêntica, 2001. 2. ed., p. 13-60.

SOARES, Magda. **Letramento um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SOARES, M. P MACIEL, Francisca. **Alfabetização**, Brasília. MEC/IMEP/COMPED, 2000. (Série Estado do Conhecimento).

TEBEROSKY, A **Psicogênese da língua escrita**, Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Adultos não alfabetizados**: o avesso do avesso. Campinas; Pontes, 1988.

TFOUNI. **Letramento e alfabetização**. São Paulo, Cortez, 1995. (Coleção questões de nossa época, v, 47).

TRINDADE, AzoildaLoretto. e SANTOS, Rafael dos. **Multiculturalismo**: mil e uma faces da Escola. 3º Ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2002.

VIGOTSKI. Lev Semenovich. **A formação social da mente**. 7ª ed. São Paulo Martins Fontes, 2007.

(Fragmentos de textos extraídos da obra: Emilia Ferreiro – Reflexões sobre Alfabetização) 22º edição – Cortez Editora.